

TREZOURO

DE

FAFNIR

Legenda extrahida das tradições germanicas

acerca da morte de Attila

Por ERNESTO MARECOS

Galga, ó valente, da montanha á crista,
O mundo tens nos pés, e tens defronte;
Vê quanto de mal perto t'hi se avista,
E quanto se alvura no horizonte!

Depois, desce da empinada serra,
Ao campo te arrastassa enfim, depois
Assombra, e passa, devastando a terra,
Vencendo os monstros, derrubando heroes!

Ao moço valeroso Sigafredo

Tal vez o fago soar LISBOA

Vibra, e TYPOGRAPHIA DO FUTURO

Rua da Cruz de Pau, 35

Da gloria pa' a gloria 1866

O THESOURO DE FAFNIR

Legenda extrahida das tradições germanicas
acerca da morte de Attila

I

«Galga, ó valente, da montanha á crista,
O mundo tens aos pés, e tens defronte;
Vê quanto de mais perto ahí se avista,
E quanto se adivinha no horisonte!

«Depois, descendo da empinada serra,
Ao campo te arremessa emfim, depois
Assombra, e passa, devastando a terra,
Vencendo os monstros, derrubando heroes!»

Ao moço valoroso Sigefredo
Tal voz o fogo sopra da coragem;
Vibra, e do peito lhe desterra o medo
Da gloria na alma lhe debuxa a imagem.

Tal voz, que do ceu baixa, escuta, entende,
 Como aviso do ceu que alem conduz,
 Aquelle que de Odin á raça prende
 Qual filho predilecto que é da luz!

E parte, e já se engolpha nos perfumes
 Da gloria e do amor, visões queridas,
 Ao lado pende a espada de dois gumes,
 Nas veias ferve o sangue em duas vidas!

Despede-se o cavallo n'um galope
 De que o rumor a leguas vae morrer,
 Qualquer abysmo que na estrada tope
 É salval-o depressa... e mais correr!

Mal de uma lucta sae, eis que de novo
 O moço em outra lucta é combatendo;
 Visita cada terra, a cada povo
 Um rasgo lega de valor tremendo!

Aqui a posse rouba da donzella
 Que cem caudilhos tentam requestar;
 Além o muro alue á cidadella
 Que as portas não lhe abriu de par em par!

E a lamina, que em sangue se tingia,
 Ceifando em torno as vidas que fulmina,
 Ora lampeja ao sol do meio dia,
 Ora do norte escorre a atra neblina!

Émulos pede á Hespanha, á Italia os pede,
 Ao Godo, ao Franko, ao Gépida tenaz,
 Mas ante Sigefredo tudo cede,
 Eao seu grito de guerra acode a paz!

O heroe percorre cada valle ameno,
Cada florida encosta, ou senda agreste,
E assim chega á paizagem que do Rheno
As margens magestosa borda e veste.

Ahi, onde a sombria formosura
Da natureza colossal que vê
O fixa, outros combates não procura
Porque a mais ardua empreza o peito dê!

È fama que n'um flanco da montanha
Que ao longe em ceu de chumbo se recorta
Thesouro immenso existe que se entranha
Na gruta a que um dragão defende a porta.

Sabel-o, ouvil-o o moço temerario
O instante mal precede de partir,
E eil-o no monte ao pé do solitario
Horrendo monstro, do voraz Fafnir!

As trez caudas que tem este revolve,
A escama reluzente põe direita,
Em roda os olhos chammejantes volve,
E as garras de leão na pedra ageita.

Dos seios um rugir se desinterna,
Halito de peçonha, som de horror,
E aos intimos recessos da caverna
Recua o monstro em frente do agressor.

De encontro ás fauces que em purpurea espuma
Se affogam, e de raiva oscillam, fremem,
Trez vezes bate o moço, a cada uma
Se enlaçam ambos, cahem, luctam, gemem.

Ao alento que abunda em Sigefredo
 Fugir o alento sente o outro em si:
 Vasqueja no estertor, e o seu segredo
 No arranco extremo se lhe escapa alli.

Ao bello vencedor não foi perdido
 O murmurio fugaz d'essa agonia,
 No tom de cada lugubre gemido
 Uma phrase ao mysterio descobria!

Por isso, ao descendente de alma raça
 Extranha cerimonia ensina a fé,
 O anhelado thesouro não devassa
 De ricas joias que lhe fica ao pé;

Mas antes (tal preceito revelára
 Fafnir ao esfriar-se-lhe da vida)
 Das arterias do monstro que rasgára
 Ao sangue espadanando dá sabida.

Depois n'elle se banha, o corpo lava,
 Um breve ponto enxuto só ficou
 No sitio onde ao acaso descansava
 Subtil folha de tilia que passou.

De instante a instante nova maravilha!
 Sente que invulneravel ha ficado!
 Do fundo da caverna aponta e brilha
 O thesouro por séculos contado!

As trevas da rasão a luz cortara,
 Vê tudo, tudo sabe quanto quer;
 E (dom mais que divino!) se lhe aclara
 O meio de attrahir cada mulher!

A entrada que áquelle antro se iranqueia
Do monstro deixa á funebre apparencia,
Provar doces milagres logo anceia
Do raro invento, da gentil sciencia!

Soberbo desce do local famoso,
Ás festas das cidades concorreu;
Em labios de coral o espera o goso,
Nitido esmalte que do amor nasceu!

Que flores vae colhendo na passagem!
Que sol os dias de paixão lhe doura!
Que suspiros lhe traz a branda aragem!
Que promessas ardentes enthesoura!

Que de flores! a nobre, a mais humilde...
E cem, e mil, e todas dos jardins!
Inda as que são do ceu, como Brun'hilde
Em cuja face explendem os jasmins!

Esta que a origem lá dos numes toma
Esquece em breve. Que outra voz, que harpejo,
Que luz, que sonho ou riso, que outro aroma
Lhe inflamma, lhe desperta outro desejo?!

Gudruna, a virgem de cabello de ouro,
Gudruna, a branca rosa dos salões,
Aquella a que de estrellas n'um thesouro
As mais desmaiariam sem clarões,

Gudruna a si o prende, a si o estreita
Nos laços que hymeneu corôa e tece,
E o beroe, que emfim a sorte crê perfeita,
Nos candidos prazeres adormece!

Em roda, no entretanto, ruge, adeja
 Ruim cortejo de agourar fatal :
 Tramas sanguentos que dispõe a inveja,
 Sinistras sombras que sacode o mal !

Tem dous irmãos Gudruna, moços, bravos,
 Hagen, Guntherse chamam, almas prezas
 São ambos algemados, vis escravos,
 Ao infrene desejo das riquezas.

O assalto perigoso já lhes sôa
 De Sigefredo á gruta do dragão ;
 E desde então o somno lhes povoa
 De lividos phantasmas a ambição !

Brun'hilde a esposa despresada e triste
 A febre, a sêde do ouro aos dous incita,
 Á longa tentação nenhum resiste,
 E cada qual o plano já medita.

Gudruna, a esposa estremecida e bella
 As armas, innocente, aos irmãos dá :
 Do corpo do ente amado lhes revela
 O ponto por que a vida sahira !

Por noute escura, temporal desfeito,
 Ao ecco dos trovões, á luz do raio,
 Os vis de Sigefredo vão-se ao leito,
 E imbebem-lhe em punhaes lethal desmaio !

Filhos das trevas, qual d'alli se aparta
 No rosto o sêllo tem que o crime poz ;
 Mas eil-os no thesouro, e não se farta
 Na ancia de contemplal-o cada algoz !

Brun'hilde tambem morre, o esposo segue
 De Odin á meza que de fructos verga,
 Gudruna, delirante, não consegue
 Riscar a magua que no seio alberga!

Ó bardos, a traição que a vingue, lave-a
 O canto que aos vindouros vae emfim!
 Cantae, ó menestreis da Scandinavia
 O filho que da luz gerára Odin!

II

Ai, Gudruna desditosa,
 Morto o esposo que era teu,
 Que te resta, branca rosa?
 Que esperas da terra ou ceu?
 Viste em chammas consumil-o
 E não podeste seguil-o
 Ao Valhalla dos heroes!
 Nada te resgata ou cura
 Da tua immensa amargura!
 Chora, ó triste, chora pois!

Embora no seu regaço
 O emballe Brun'hilde além,
 Para alcançal-os no espaço
 O teu corpo azas não tem!
 Para ella a divina essencia!
 Para ti de uma imprudencia
 O fructo amargo pagar!
 Da terra te abraza o fogo
 E só has o desafogo
 Do teu sentido chorar!

Juncto à saudade, que opprime,
 A dôr do remorso a mais:
 A parte que do seu crime
 Te deram monstros fataes!
 Teus irmãos, que o inferno impelle,
 Os infames que nem d'elle,
 Nem de ti houveram dó!
 Pelos trez o crime expia,
 Chora de noite e de dia,
 Lava o pranto as culpas só!

E de Gudruna ais magoados,
 Dia e noite o ecco os diz,
 Ais de colera cortados
 Contra os fraticidas vis!
 Ou do amor sem esperança,
 Ou do anceo da vingança
 No dolorido gemer
 Encontravam a coitada
 O luzir da madrugada,
 E as sombras do anoutecer!

Tudo em torno lhe fallava
 Do esposo que tanto amou!
 Era o canto que vibrava
 Da avesinha que passou!
 Era a flor que *elle* colhia,
 A estrella a que mais queria,
 Das que fez o creador!
 Era o seu cão extremoso,
 Era o lago estrepitoso
 De que *elle* nadava á flor!

Tudo, ao par, do crime infando
 Lhe produzia visões!
 Era o vento soluçando
 Da tormenta ás convulsões!
 Era a côr, quando enrubesce,
 Do sol que subito desce,
 Da soidão tetrica a voz
 Que o martyrio lhe renova,
 Era o silencio da alcova,
 Do thálamo o frio atroz!

O que aos mais dava fulgores
 Dava á pobre trevas só;
 Onde outros palpavam flores
 Sómente ella via pó!
 O que aos mais era encantado
 Paraiso alcatifado
 De purpura triumphal
 Era para ella ermo vasto
 Onde, só, trilhava um rasto
 Ensanguentado e fatal!

E por mais que o tempo conte,
 Passa um mez, inda outro mez,
 Sem que lhe tombem da fronte
 Os crepes da viuvez!
 Tem as palavras de gelo,
 E dos labios faz dó vel-o
 Que riso crispado sae!
 Do palacio em cada sala,
 Que passeia, é de tomal-a
 Por sombra que vem e vae!

E comtudo os arredores
Todos eccoaram já
Aos afinados clangores
Que a tuba festiva dá;
Ás solemnes embaixadas
Que de regiões falladas
Maudaram os reis por si
A mão pedindo d'aquella
Que nem siquer lhes revela
Porque as despede d'alli!

Nada lhe dobra a constancia
De quanto tental-a vem,
À instancia succede a instancia
Sempre a recusa tambem!
Mas um dia ingente brado
Do seu palacio fechado
Faz as janellas abrir:
È que o novo mensageiro,
Por um instante, o primeiro
Vem rouba-la ao seu carpir.

Não sente da alma fugindo
O scepticismo cruel,
Mas aguarda o recémvindo
Sob o precioso docel
Porque o nome que elle invoca
Segreda-o de bocca em bocca
Cada povo a estremecer,
Jaz escripto em cada solo
Das terras de polo a polo,
E não se pôde esquecer!

Attila, a fêra sublime,
O raio, o tufão, o deus
Que destroe, abraza, imprime
No exterminio os passos seus :
Cujos braços abala imperios
E converte em cemiterios
Quantos reinos fortes são :
Que, á frente da gente brava,
Tudo inunda como a lava
Que rebenta de um vulcão ;

Attila a cuja passagem
Milagrosa, audaz, veloz,
O sopro reprime a aragem
E os elementos a voz ;
Todo o contrario soluça,
Toda a torre se debruça
A implorar enfim mercê ;
De cujos olhos a chamma,
Que ardentes chispas derrama,
È sol que escravos só vê ;

Attila de quem o berço
Que os vagidos lhe embalou
Se estendeu pelo universo
E de limites zombou ;
Em extrema ancia infinita
Attila a mão sollicita
Da nobre viuva enfim ;
E o mensageiro chegado
O convite formulado,
Que lhe incumbe, acaba assim :

«A luz do sol, quer na aurora,
Quer no atufar do esplendor,
Banha os dominios, senhora,
Do meu temido senhor,
Tendo avassallado a terra,
O heroe descansa da guerra
Nos prazeres dos festins:
Tudo é pompa em seus estados,
E os caminhos povoados
São florescentes jardins!

«Cada columna gigante
É um tronco de crystal,
É feita de um só diamante
Cada sala principal,
Das fendas de cada rocha
O topasio desabrocha
E substitue o cinzel,
Por servos, vereis, cingidos
Do diadema, os reis vencidos
Nos paços do rei Etzel!»

E assim se narram prodigios
Do novo empório gentil
De que hão de attestar vestigios
As maravilhas ás mil!
Gudruna, que tudo escuta,
Debalde forceja, lucha
Por a si dictar a lei,
E o querer se lhe entibia,
E a sua resposta adia
Ao enviado do rei!

Á mãe velha, que a estremece,
 Pergunta ella o que fará:
 Pois se o morto não esquece,
 Como o vivo affrontará?!
 A mãe, que a raiva receia
 Do leão, durante a ceia,
 Vem á pobre propinar,
 Porque apague a cara imagem,
 Fria, amarga beberagem
 Que do *olvido* o nome tem.

Esgota Gudruna a taça
 E á memoria as sombras vão;
 Já na mente lhe esvoça
 Cada lucida visão!
 Já percebe o pranto enxuto,
 Já desprende o veu de lucto,
 Já os laços, sem mais dor,
 Do amor antigo desata,
 E o seio se lhe dilata
 Ás promessas de outro amor!

Segue pois o mensageiro,
 Nem siquer vacilla mais;
 Nem lhe lembra o derradeiro
 Dos seus lamentosos ais!
 Toda a alegria recobra!
 Todo o seu fausto desdobra!
 Em torno á dama gentil,
 Á mais linda das princezas,
 Vão mil donzellas gaulezas,
 Vão guerreiros frankos mil!

Por sete dias nos montes
A comitiva passou
E em mais largos horisontes
Suas vistas mergulhou;
Por sete dias dos rios
Longos, espumantes, frios,
As curvas ondas fendeu;
Por sete dias formosos
De alegres plainos vistosos
Os matizes percorreu.

Emfim termina o cansaço
Quando o caminho tambem,
Quando emfim se avista o paço
Do rei dos Hunos alem!
Da luzidia hacanêa
Mal a princeza se apeia
E o rei já distingue ao pé;
Como, dos seus entre o bando,
Não vem elle destacando!
Que magestoso não é!

No rosto, que a barba rara
Sombreia, de bronzea côr,
Na voz forte, breve e clara,
No aspecto dominador,
No olhar mobil, penetrante,
No passo curto, arrogante,
Na leonina robustez,
Que reflexos de grandeza!
Que potente natureza!
Que soberana altivez!

Se não eleva a estatura
Como a dos cédros gentis,
Cado traço de esculptura
Dos seus contornos viris
Firme, rasgado, seguro,
Diz, respondendo, ao futuro
O recondito porquê
D'aquelle querer profundo
Que, apenas se impõe ao mundo,
Obedecido se vê!

Eis o rei conduz a esposa
Ao rico palacio já,
Á cerimonia pomposa
Começo e termo se dá.
Rompe o banquete solemne,
A orgia campeia infrene,
Jorra o vinho pelo chão!
Formam um brado mil brados
Das vozes dos convidados
Com os guisos do histrião!

Porque tudo se reuna
Aos primores festivaes,
Cantam perante Gudruna
Frescas boccas virginaes
Do grande heroe os louvores!
Porém já por entre as flores
Mais de um conviva cabiu,
E Attila, que as horas conta,
Á noiva o caminho aponta,
Com ella á festa fugiu!

III

Luz clara do paraíso
Dos amantes, luz de riso,
Vivificante fanal,
Tinge de côres divinas
As alvejantes cortinas
Do thalamo nupcial!

Corôa de amor, explende,
Lyrios e rosas desprende,
Gottas de nectar depois,
Subtis aromas celestes
Das folhas, de que te vestes,
Sobre as fronte d'esses dois!

Pomba, que no sol te abraças,
Pomba de amor, solta as azas
Libra o teu vôo para alli;
Roça, perfuma os instantes
Em que os beijos anhelantes
Os dois trocam entre si!

Não! De pura luz o raio,
Nem flores do eterno maio,
Cabem no candido veu!
Não! Nem aromas, nem flores,
Corôa, ou pomba de amores
Quizeram baixar do ceu!

De Attila as palpebras cedem
À somnolencia, e lhe pedem
Doce, brando repousar,
Mas, da longa noite em meio,
Sente dos sonhos no seio
O horrendo espectro pesar!

Acorda. Em ancia infinita
Se volve, revolve e grita:
«Oh! longe a sombra infernal!
Maldita, feroz, presaga
De infortunio, que me esmaga,
Negra estatua glacial!

«Maldicto o leito de arminhos!
Antes rolar sobre espinhos,
E, bem desperto, gemer?
Quem assim dorme não dorme,
Das visões ao grupo informe
Este dormir é morrer!

«Morrer de morte damnada
Que é a vida prolongada
Por mil mortes de pavor!
Em que a dor é o requinte
De invenções que gere e pinte
No atro sonho ignoto horror!

«Qual é a funesta Norna
Que na garganta me entorna
A lava candente assim?
Dize, esposa, em ti não passa,
Nada t'involve, te abraça
Do que me tortura a mim?!»

Sente ella n'esse momento
Que o fumo do esquecimento
Lhe dissipa o genio mau;
E ao tombar d'esse edificio
Para o torvo precipicio
Mede dégrau por degrau!

Perde o effeito a beberagem,
E logo se aviva a imagem
De Sigefredo que amou!
Só lhe não volta a lembrança,
Nem a sêde da vingança
Por que aos irmãos perdoou!

IV

E o aspecto do rei é triste,
Enrugadas nuvens tem;
Tudo o que em roda lhe assiste
Parece triste tambem!

«—Esposo, que sentes? dos olhos em lume
Sinistras scintellas qu'espalhas assim?
Que raiva secreta, que injusto ciume
O seio te morde, te afasta de mim?

«Teu rosto se crispa! teu peito se agita!
Em ondas que immensa tormenta ahi vae!
Que enfado sem nome, que dor infinita
Em negros pensares te abysma e distrae?

«Gelou-se em teus lábios a ardente palavra
 Prenuncia do affecto que pude inspirar,
 E, em troca do fogo de outr'ora, te lavra
 Lá dentro a suspeita que ruge ao queimar?—»

E o aspecto do rei é triste,
 Enrugadas nuvens tem;
 Tudo o que em roda lhe assiste
 Parece triste tambem!

«—Esposa, conheço que o ar me escasseia,
 As veias o sangue pretende romper,
 O corpo, tremendo, de pé, cambaleia,
 A colera em estos o obriga a tremer!

«Ao vil Theodorico parti duros laços,
 Vencido inimigo de amigo o tractei...
 Comtudo que, ás vezes, sorrindo, nos braços
 Do infame repousas, rainha, bem sei!

«É Kerkia que o jura. Momentos contados
 Separam a pena do crime villão.
 Ah! zombam do raio que assombra culpados,
 E cospem, brincando, na juba ao leão?!—»

E o aspecto do rei é fero,
 Enrugadas nuvens tem;
 Tudo é sombrio e severo
 Quanto o rodeia tambem!

«—Calumnia affrontosa! peçonha! mentira!
 Em brados prorompe Gudruna a final,
 Que os zelos inventam, que a inveja nutrirá
 No espirito ignobil de torpe rival!

«A amasia impudica dois annos volvidos
Da fé na constancia não manche, meu rei,
Se ao pobre exilado prestei meus ouvidos
Queixumes do exilio sómente escutei!

«De ha muito, á saudade sagrara eu um culto
Por isso ás saudades dos outros me dou!...
Mas longe pensara possivel o insulto
Que a face impolluta sem dó me açoitou!

«Eu quero provar-te que sou innocente,
Privada do auxilio de amigos, de irmãos,
Em acto solemne pela agua fervente
Do vaso sagrado metter minhas mãos!»—

E o aspecto do rei é fero,
Enrugadas nuvens tem;
Tudo é sombrio e severo
Quanto o rodeia tambem!

Gritava a rainha:—«Depressa, depressa!
A vibora indigna que venha aqui já!
Decepe-me um ferro do corpo a cabeça
Se o fogo a justiça m'a nega, e lh'a dá!

«Teus chefes que venham! Accorram-me aos gritos!
Suffoca-me a affronta que intento lavar!
Acuda o ministro que saiba dos ritos
Com que usam os povos taes provas sagrar!»—

E o rei ordenava:—«Depressa! que a chamem,
A Kerkia que jura ter visto as traições!
Depressa! que ateiem, que, subito, inflammem
Por sob esse vaso vermelhos carvões!

«Ministro dos ritos, enceta os primeiros!
 No caso quaes cumpre tu deves saber!
 De mim acercae-vos, meus velhos guerreiros,
 Leaes camaradas que temos que ver!»—

E o aspecto do rei é triste,
 Enrugadas nuvens tem;
 Tudo o que em roda lhe assiste
 Parece triste tambem!

Mil olhos se cravam no grupo com ancia,
 Se fixam, se pregam com pasmo e pavor
 Da altiva rainha na digna constancia,
 Da trépida Kerkia no vivo tremor!

Às mãos delicadas o adorno o que serve?
 Gudruna despoja de anneis cada mão!
 Para a agua se curva, que empola, reserve,
 Rouqueja em novellos de turvo cachão!

Os seixos de côres no fundo se agitam
 Do vaso que ao fogo promette estalar,
 E as mãos, que a brancura dos gelos imitam,
 Gudruna mergulha sem n'isso hesitar!

Os seixos retira, de si os repelle,
 As mãos estendendo de roda de si,
 Nem mesmo, ao de leve, crestando-lhe a pelle
 Os traços da prova se enxergam ahi!

«—Desci do meu throno, que a espada valente
 De irmãos ou de amigos não tive por mim,
 Sósinha, accusada, provei-me innocente,
 E a fronte sacudo soberba por fim!

«Aquella que a infamia lançou á mais nobre
 O exemplo, que é tempo, me deve seguir!»—
 Calou-se a rainha, que arrastam a pobre
 A trémula Kerkia seu fado a cumprir!

Ai, Kerkia mesquinha! nas mãos da coitada
 A carne sanguenta gotteja, que horror!
 Assoma-lhe ás fauces a voz lacerada,
 Retrae-se em gemidos, abafa-se em dor!

O corpo flexível á victima triste
 Da negra calumnia se vê contorcer!
 D'alli a removem, nem ella resiste,
 E em novos tormentos vae longe morrer!

E o aspecto do rei, ao grande
 Prazer, fulgores já tem;
 Ao prazer tudo se expande
 Quanto o rodeia tambem!

Oh! desde esse dia se infiltra no affecto,
 Que o rei concebía, vehemencia fatal:
 Adora Gudruna! delirio completo!
 Cegueira ou delirio, por bem ou por mal!

V

Passaram annos. Gudruna
 Vela a face na tristeza,
 Entre as galas da grandeza
 Como infeliz se não crê!
 Do seu esposo primeiro,
 Seu unico amor profundo,
 Té nos braços do segundo
 A querida imagem vê!

Na ventura que não volta
Que longas horas não scisma!
Da saudade pelo prisma
Como é bello o que passou!
De acabar a taes lembranças
O designio só lhe falha
Porque diversa mortalha
O destino lhe talhou!

Attila á guerra voltára:
Ante a indomavel coragem
Vem protestar vassallagem
Os povos, aos dez e dez!
Mesmo o gigante romano
Range, estala nos cimentos,
Chegados julga os momentos
De abrir-se-lhe a cova aos pés!

Mas o leão regressara.
Das victorias deixa a palma
Porque mais lhe vibra na alma
Recordar encantador.
Regressando, embora a esposa
O recebe, fria, altiva,
Quanto mais a encontra esquiva
Mais avulta n'elle o amor!

Esmaltam-lhe a vida os risos
De seus filhos Erp e Eitille
Por tal fórma, que vacille
Qual ouve com mais prazer!
Ambos de Gudruna houvera!
É com immensa ternura
Que os vê crescer na estatura,
Que em vigor os vê crescer!

Mas a par d'esses affectos
 De impressões risonhas, ledas,
 De outro fogo as labaredas
 No peito sente avivar :
 Fogo de extranhos impulsos,
 Que o consome, que o devora,
 Dos dias em cada hora,
 Da noite em cada sonhar !

Desde que a bella Gudruna
 Por sua esposa tivera,
 D'ella as riquezas quizera
 Mil vezes á sua unir ;
 E entre nuvens deslumbrantes
 De reflexos multicores
 Via passar os fulgores
 Do thesouro de Fafnir !

A herança de Sigefredo,
 Por mais que a ambição o escalde,
 Reclama, exige debalde
 Da esposa aos tredos irmãos.
 Pois que dos cofres o acervo
 Não sabe o rei onde existe,
 O poder que lhe resiste
 Que importa esmagar nas mãos ? !

Mas a jura de haver tudo
 Não é jura que se quebre,
 Do ouro a ardente, impura febre
 Mitiga-se em ouro só ;
 E o protesto do rei Huno
 De saciar seu desejo
 Não foi um fugaz lampejo,
 Não foi escripto no pó !

O apego dobra, redobra
 Aos seus anhelos queridos,
 E ora, em delirio os sentidos,
 Como louco aos mais s'expõe,
 Ora as joias crê já suas
 Em phantastica penumbra,
 E as de que o brilho o deslumbra
 Junta, aparta, põe, dispõe.

Da lava, em ferozes jubilos,
 Estremece a cada onda,
 Não pesa um meio, não sonda
 Se é justo, é justo o que quer!
 Emsim reúne o consellio
 Dos seus magnates primeiros,
 E elle mesmo aos conselheiros
 Lembra que meio é mister!

Depressa o plano concertam
 Que a má fé barbara attesta:
 De armas a brilhante festa
 Hagen e Gunther virão.
 Por amigavel convite
 Hão de os dois vir illudidos;
 Na rede uma vez colhidos,
 Como d'ella sahirão?!

Gudruna, que tudo ouvira,
 Treme... que inda lhes queria,
 Pelo mensageiro envia
 Um breve escripto que faz
 Com a cifra mysteriosa
 Que qualquer d'elles conhece,
 E um anel onde entretece
 Pellos do lobo voraz.

Mas o mensageiro astuto
 Presume o que a cifra indica,
 E em segredo a falsifica,
 Torna-a á verdade infiel;
 No entanto, ao termo da longa
 Viagem que o leva ao Rheno,
 Aos irmãos, com ar sereno,
 Entrega a carta e o anel.

«Pellos de lobo! Ciladas!
 Traições! Covarde urdidura
 Que nas sombras se enclausura
 Demonstram estes signaes!
 Gunther, cautela! receia!
 Hagen, receia! cautela!
 Tramas confirma e revela
 A carta obscura inda mais!»

Porém os filhos das trevas,
 Volvendo as fronte descrentes,
 Se remiram nos presentes
 Que a cobiça lhes fartou:
 A luz do salão ondeia
 Dos capacetes nos topos,
 De aureas espadas nos copos
 Com que o monarcha os brindou!

E em quanto as esposas bradam
 O que suggere a suspeita,
 Cada qual a si ageita
 As armaduras gentis;
 Cada qual na mente inflamma
 O esplendoroso torneio,
 Da festa se julga em meio
 E se reputa feliz!

Dura a noite que precede
 Dos principes a partida,
 Desce pesada, comprida,
 Sobre os thalamos dos dois;
 Mas se lividos phantasmas
 Pela athmosphera vagueiam,
 Que val se, em quanto volteiam,
 Dormem os feros heroes !

Costbera, de Hagen a esposa
 N'um surdo gemido acorda,
 Chora acordada, recorda
 A medo o sonho fatal,
 Logo exclama: «—Hagen, attende !
 Mal as lagrymas estanco,
 Eu sonhei que um monstro branco,
 Urso horrivel, colossal,

«Se despenhava raivoso
 Com as unhas sobre o leito,
 E te espedaçava o peito
 Em medonhas contorsões ;
 E que uma aguia aqui pairava,
 D'ella nas garras—tamanhas !—
 Palpitavam-te as entranhas,
 Tinha de Attila as feições !»—

—«O urso branco visto em sonhos
 Falla em tormentas do norte,
 Responde Hagen que, de forte,
 De agouros caso não faz.
 A aguia promette de bufalos
 A mais lusida caçada,
 Oh ! quem me dera na estrada !
 Dorme, esposa, dorme em paz !»

De Gunther no leito a scena
 Infausta visão renova
 Atrôa Golmvara a alcova
 Com seus gritos de pavor :
 — «Esposo, brada, eu sonhava
 Que um rio de turvas aguas,
 Espadanando entre fraguas
 Com horrisono fragor,

«Nos engolia no vortice !
 E que das Nornas o bando,
 Com os fachos acenando,
 Dançavam em roda aqui ;
 Que n'um festim de cadaveres
 Eras por ellas servido
 Porque escolhendo um marido
 Só te escolheram a ti !

«No regaço de uma d'ellas
 Attila, rindo, se estende . . . » —
 — «Suspende, esposa, suspende !
 Acode o bravo Gunther.
 A mim, dos Hunos ao chefe
 O que importam os teus sonhos ? !
 Vê se agora os tens risonhos,
 Dorme em paz, boa mulher ! » —

Á testa de mil guerreiros
 Em vistosa cavalgada
 O raiar da madrugada
 Vê de Gudruna os irmãos :
 Riem ambos dos presagios
 Das esposas innocentes,
 E inda mal que aos dois valentes
 Foram baldados e vãos !

Emfim transposto o caminho,
 Da festa a idéa os alegra,
 Mas reparam como negra
 Destaca a cidade alem !
 Nem luz, nem galas de festa !
 Por sobre as altas muralhas
 Como que arrastam mortalhas
 As sentinellas ás cem !

Sobre os dois rangem as portas
 Com som lugubre fechadas,
 E assoma, entre gargalhadas
 De zombaria feroz,
 Perto um vulto que lhes grita :
 —«Que o ceu vos seja propicio
 Em quanto do atroz supplicio
 Não chega o momento atroz !» —

A cabeça do imprudente
 De um só golpe Gunther corta,
 De novo se volve á porta
 E o bronze intenta abalar.
 Debalde ! Anima os amigos
 As vistas em torno lança,
 E logo intrepido avança
 Para o rei que vê chegar.

Attila lhes diz :—«bemvindos !
 Vinde a meus passos sem medo,
 E a herança de Sigefredo
 Hoje direis onde está !» —
 «—Nunca !—os dois replicam—leva
 A cabo teu plano inteiro,
 Mas quem somos vê primeiro
 Por esse que morto é já !» —

Então se empenha o combate,
Então a lucta se trava
Ardida, cruenta, brava,
Sobre os possantes corseis !
De ingentes Titans irados
Rugir, furor, sanha, estrago,
De sangue n'um vasto lago
Choque de tigres crueis !

Que scenas o incendio aclara !
Este, uivando, tripudia
Dos contrarios á agonia
E lhes cospe sem horror !
Outro ao inimigo morto
Se enrosca, febril serpente,
E no sangue ainda quente
Quer matar da sêde o ardor !

Na confusão estrondosa,
Os cabellos desgrenhados,
Com os vestidos rasgados,
Tenta Gudruna intervir ;
Ora para Attila corre,
Ora aos dois irmãos se abraça,
Com o rei vê se os congraça,
E o não pôde conseguir !

Eis dos Hunos as fileiras
Engrossa nova phalange,
Do norte os heroes constrange,
Vence, opprime d'esta vez.
Dos braços de Hagen robusto
Arrancam Gunther temido
E cada um é conduzido
De um carcere á hediondez ;

Um e outro sem descanso
 Attila, instando-os, procura :
 Já lhes falla de tortura,
 Já de corôa real !
 Mas nos dois, na alternativa
 Do martyrio ou da grandeza,
 A mesma nobre firmeza
 Mesmo silencio formal !

Um dia Gunther lhe torna :
 — «Eu e Hagen hemos jurado
 Que o segredo revelado
 Nunca seria por nós :
 Hagen, pois, em quanto viva
 Conquistar-m'o ninguem pode... » —
 — «Basta ; basta» — o rei acode
 E d'alli parte veloz !

De Hagen o fio da vida
 Espedaça n'um instante
 E o coração arquejante
 Aos pés atira do irmão !
 Este lhe diz em voz limpida,
 Bem que na alma soffre e geme :
 — «Conheço-o:—é d'elle; não treme
 Seu varonil coração !

«E agora, que é morto o principe
 Por teu eterno desdouro,
 Vae-te a buscar o thesouro,
 No fundo do Rheno o tens !
 Brilham anneis, braceletes,
 Mais nos liquidos regaços
 Do que brilharam nos braços
 D'esses sicarios, teus cães !»

Attila freme, esbraveja,
Como em demencia se agita,
N'uma cova precipita
Gunther audaz e infeliz:
Lá onde silvam as serpes
De aguda lingua medonha,
Onde babam a peçonha
Os mais infames reptis!

Gunther, que á lyra se abraça,
Tira d'ella sons d'encanto,
Nas palpebras sente o pranto
Cada homem, cada mulher!
Cada aspide venenosa
Em extasis se conserva,
Cada serpente se enerva
E affaga os pés a Gunther!

Em vibora transformada
Então a mãe do monarcha
De Gunther o collo abarca
E a morte lhe infiltra emfim!
Gunther, sorrindo em delicias,
Expirando, a lyra beija,
E vae a fina cerveja
Beber á mesa de Odin!

VI

Pendeu a rainha o collo,
Curvou a altiva cabeça
Como a flor que verga ao solo
Ao rijo sopro de vento
E vencida se confessa!
Ia-lhe fundo o tormento,

Iam-lhe dentro a agonia
E o queimar de ardente lava,
Mas um riso lhe occultava
A febre que a consumia !
E, ao vel-a, qualquer dissera
Que tudo a pobre esquecera
E ella nunca se esquecia !

A morte de Sigefredo
A seus irmãos perdoara ;
O amor fraterno fallara
E soffrer soube em segredo !
Mas da alma o feroz instincto
Que á vingança lhe sorria,
E ao silencio condemnara,
Não era de todo extincto,
Não era morto, dormia !

Do esquecimento a bebida
Levara-a aos braços d'aquelle
Que o seu coração repelle,
De que o amor manchou a vida
Que do outro esposo votara
Á memoria tão querida,
E nunca se consolara !
N'um momento de ciúme
Com dura, crua bruteza,
Attila ainda a insultara
Suspeitando-lhe a pureza,
E a dor toda que resume
A vergonha ella tragara !
Desaffrontada na prova
Em que illesa a deixa o lume,
Eis o despota renova

Férvida instancia ao thesouro,
Tão desejado e maldicto,
E na immensa sede de ouro,
No cobiçar infinito
Da riqueza que o fascina,
Posterga as leis mais sagradas
E seus irmãos lhe assassina!
Oh! que, então, são dissipadas
As sombras do seu lethargo!
Gotta a gotta accumuladas,
As gottas do fel amargo
Do veneno da vingança,
Já lhe trasbordam no seio,
Já lhe fervem na lembrança!
E por vingar-se que aneio
D'esse esposo que aborrece!
Vingar o esposo esquecido
Um momento, a vil affronta
Que lhe vive no sentido,
N'elle se não esvaece,
E comsigo ás vezes conta!
Vingar-se do amor mantido
Em bastas chammias acceso,
Indomavel, delirante,
Com que o rei a cança, opprime,
E a que ella vota o despreso,
De que ella lhe faz um crime!
Vingar o supremo instante
De Gunther! vingar o sangue
De Hagen, irmão mais amado
Do berço dilecto amigo,
Tão formoso e malfadado,
Que por terra viu exangue,
E lhe levava comsigo

A derradeira fragrancia
 Das saudades da innocencia,
 Das flores da sua infancia!
 E era delirio, demencia
 O furor que n'ella ardia,
 Mas, aguardando o momento,
 Tal compunha o fingimento
 Que o proprio rei illudia,
 Pois, ao vel-a, sempre crera
 Que tudo a pobre esquecera...
 E ella nunca se esquecia!

VII

Das festas no lusimento,
 No amor tenta conseguir
 Elrei fundo esquecimento
 Do thesouro de Fafnir.
 Na orgia, na esposa vive,
 Ora n'uma se embriaga,
 Ora outra contempla, affaga,
 E simula ser feliz!
 Gudruna, que da amargura
 Em si recalca os espinhos,
 Tolera e pede carinhos,
 Finezas escuta e diz!

Um dia, que mais ardente
 Elle a abraçava por fim,
 Se lhe esquivava docemente
 De fogo aos beijos, e assim
 Em voz baixa lhe murmura:
 —«Hei-me a tudo resignado,
 Nunca uma' queixa hei vibrado

Contra ti, ó meu senhor!
 Justo é que á submissa escrava,
 Que a teus pés aqui se roje,
 Um desejo cumpras hoje
 Em nome do teu amor!

«Meus irmãos que te offenderam,
 Que mataste, amava-os eu!
 E pois que os loucos solveram
 Com a morte o crime seu,
 Funereo festim quizera
 Sagnar-lhes em hora boa!
 Banquete extremo! Perdoa
 Se te enfado n'isto, ó rei!...» —
 E o rei logo de tornar-lhe:
 — «Cumprido fique o desejo,
 E ao teu funebre festejo
 Presente eu mesmo serei! —»

— «Filhos, quero abraçar-vos!
 Vossa bocca innocente
 Collae ao bafó ardente
 Que dos labios me sae!
 Vinde, creanças bellas,
 Que sois delicias, mimo,
 Prazer, consolo, arrimo,
 Gloria de vosso pae! —»

E Gudruna, fallando,
 Os dois ao seio ageita,
 As fronte lhes enfeita
 Com flores de alva cor!
 Depois com largas fitas
 Lhes prende os tenros pulsos
 Em frémittos convulsos
 De crescente furor!

Meigas cabeças louras,
 Qual mais pura e mimosa,
 D'ellas a mais edosa
 Vae dez annos contar,
 De Gudruna ao aspecto
 Brandamente se inclinam
 Porque ambas se fascinam
 Da mãe no estranho olhar!

Erp, o mais velho, diz-lhe:
 — «Porque, pallida, tremes?
 Porque, raivosa, gemes?
 E nos olhas assim?
 Mãe, offendeu-te acaso
 Sem intenção, sem tino,
 Meu irmão pequenino,
 Ou queixas-te de mim?!» —

— «Não; — mas quero matar-vos!
 Clama a fera n'um brado —
 Eis o voto formado
 Que no meu peito vae!
 Matar-vos que sois ambos
 De vosso pae o mimo
 Gloria, consolo, arrimo,
 E eu vos detesto o pae!» —

Ficaram firmes, frios,
Ambos, alli, sosinhos
E, quaes dois leõesinhos
Surpresos no covil,
Á morte se preparam
Sem que nenhum vacille,
E só murmura Eitille
Na voz terna, infantil:

— «Mata-nos, mãe, se a vida,
Que vivemos, te opprime,
Mas pensa que é um crime
D'esses que o ceu maldiz!
Meu irmão poupa ao menos!
Crescendo, entre os primeiros
Fôra a flor dos guerreiros
Bravos do seu paiz!» —

A nada a mãe attende!
N'um desvairado anhelô,
O limpido cutello
Nas suas mãos vibrou!
O anjo que ás mães assiste,
Qual se um golpe lhe entrasse,
De horror, a clara face
Com as azas velou!

Chama á rica sala aberta
Gudruna os seus cortezãos
Para o banquete que offerta
Aos manes de seus irmãos!

À frente de mil convivas
O rei Attila se via
Provando cada iguaria,
De cada vinho a beber!
Da mesa em meio espaçoso
Gudruna um prato conserva
Coberto, que ao fim reserva,
E que ninguém ousa vêr!

Aos pedidos mais instantes
Eis Gudruna o desvendou,
E as cabeças gottejantes
D'Erp e d'Eitille mostrou!
Ruge um ruído profundo
Que atroa os eccos da sala,
Que as abobadas abala
De granitos colossaes!
Depois, um silencio immenso
Como o que as campas envolve,
Em quanto o rei se revolve
Em agonias mortaes!

Por entre o geral assombro
Ergue a rainha a cerviz,
E a mão pousando n'um hombro
Do rei, pausada lhe diz:
—«Eis o tremendo holocausto
Que meus irmãos me pediam,
Os filhos que te queriam,
Que, por isso, immolei pois!
Nem mais os terás nos braços,
Nem has de a affagar olhal-os
As crinas dos teus cavallos,
As barbas dos teus heroes!

«Nem remorsos, nem receio!
 Fui barbara? atroz? pois bem:
 Se eram fructos do meu seio
 Eram teu sangue tambem!
 Quiz que n'elle se fartassem
 Os teus labios sequiosos
 Que em meus irmãos valorosos
 Sugaram sangue á traição!
 Mata-me agora, se queres!
 Morrerei sem um gemido,
 Nem á vingança trepido,
 Nem trepido á punição!» —

Porém Attila, o valente—
 Quem o diria?—a tal dor
 Ainda preso se sente
 No encantamento de amor!
 Da fama egregia se esquece,
 Dos filhos não lava a morte,
 Porque juncto da consorte,
 Não sabe senão amar!
 Em vilissima fraqueza
 Devora o sanguento insulto,
 Deixa o crime acerbo inulto,
 Nem cogita em se vingar!

Por isso, á noite, em seu leito,
 Durante um sonho infernal,
 Desperta ao abrir-lhe o peito
 O aço frio de um punhal!
 Vê Gudruna que lhe rouba,
 Ao coroar da vingança,
 As saudades, e a esperança,
 Todó o passado e o porvir!

Aos golpes d'ella se fina,
Já tarde, maldiz n'um grito
Aquelle amor infinito,
E o thesouro de Fafnir!

E assim a rainha acaba
A formidavel missão,
E assim em terra desaba
O colosso, a fraca mão!
Gudruna os brandões sacode
Ao palacio o fogo ateia,
Em roda tudo incendeia,
Nas chammas morre tambem!
Ao horroroso espectaculo,
Como lugubres gemidos,
Se escutam os ais sentidos
Das massas do povo alem!

Mas, vós, ó bardos da Hungria
Ao vosso primeiro rei
De mais risonha poesia,
De mais pura melodia
Outros canticos erguei!
Cantae-lhe o poder, a força,
E que nunca elle se extorça
Onde o fraco se contrae!
Dae-lhe, em vida, ingentes traços,
Depois da morte, os espaços,
E, ao morrer, de amor nos braços,
Como a dormir, o matae!

FIM

